



Iconoclash em “A Costura do Invisível”¹

Lívia Laura Matté²

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR
Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Apucarana, PR

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre a existência de gestos iconoclastas nos desfiles de moda. Para tanto, apóia-se nas contribuições do filósofo Bruno Latour e seu conceito de *Iconoclash*, bem como nos trabalhos de outros teóricos da imagem. Como objeto de estudo optou-se pela análise do desfile intitulado “A costura do invisível”, apresentado pelo estilista brasileiro Jum Nakao, na São Paulo Fashion Week em 17 de junho de 2004. O desfile foi considerado um marco na moda brasileira por substituir o uso de tecidos por papel.

PALAVRAS-CHAVE: a costura do invisível; desfile; iconoclasmo; moda.

A MODA E OS DESFILES

A moda além de ser reflexo de seu tempo e sua sociedade é também geradora de imagens, imaginários e valores³. E como tal, não deve furtar-se a discutir e questionar o seu redor e a si mesma. E os desfiles de moda, pela grande visibilidade, são oportunos para levantar essas discussões e questionamentos. Vide as criações de Ronaldo Fraga, como por exemplo a coleção desenvolvida usando como referência o Rio São Francisco. Os desfiles de moda nascem com o objetivo de divulgar as coleções de alta-costura para a aristocracia. Não há como precisar quem foi o precursor, mas esses eventos começam a acontecer na Europa no século XIX. Primeiramente os desfiles são realizados dentro de lojas, *maisons* e durante chás realizados pelos estilistas para grupos restritos de clientes. Já na primeira metade do século XX, se estabelecem os calendários e a partir da segunda metade do século XX a imprensa passa a ter acesso aos desfiles de moda. No século XXI os desfiles adquirem o *status* de performances – espetáculos, sendo

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 26 a 28 de maio de 2011.

² Bacharel em Estilismo em Moda (UEL). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Visual – UEL. Docente do Curso Superior de Tecnologia em Design de Moda da UTFPR. Email: livialauramatte@yahoo.com.br

³ O professor Norval Baitello Jr., palestrou na abertura do VI Colóquio de Moda em 12 de setembro de 2010. As reflexões citadas foram extraídas a partir dos conhecimentos compartilhados na ocasião.



transmitidos em tempo real para o mundo todo por meio das redes sociais, blogs e televisão, possibilitando expandir a divulgação dos conceitos e reflexões propostos pelo criador.

A alta moda sempre esteve inscrita em templos como as vitrines, palácios, salões, bienais e museus. Por esta característica de proteção das peças e de requinte na forma de exibição, pode-se afirmar que a moda está ligada a um certo culto às imagens. Assim, seus seguidores, admiradores, curadores e criadores poderiam ser considerados iconófilos nas palavras de Latour (2008).

No entanto, a iconoclastia parece ser mais recorrente nos trabalhos de moda do que se pode supor.

ICONOCLASTIA E ICONOLATRIA

Iconolatria, iconofilia ou idolatria são palavras que definem o gesto dos que cultuam, idolatram, protegem as imagens.

De acordo com Flusser (2002), para o idólatra a realidade reflete imagens, ele vive em função das imagens. Já para Latour (2008), o iconólatra pretende proteger a imagem à qualquer custo.

O Iconófilo, ou iconólatra é um adorador de imagens, as preserva, protege, e vê nelas a única maneira de mediar o acesso à verdade, à Deus, à natureza e à ciência. (LATOURE, 2008).

O comportamento iconófilo pode por vezes ser identificado nas pessoas que se relacionam com a moda. Desde a concepção do produto à sua exposição. Como o rigor exigido na confecção de um vestido de Alta Costura; os cuidados, o fazer manual sem auxílio de máquinas, horas e horas de cuidado, delicadeza e capricho pra uma peça que muitas vezes não chega a ser usada, indo diretamente para o acervo de um colecionador, ou para um museu. As coleções expostas em museus, por exemplo, são protegidas por câmeras, vidros, seguranças. Tudo para que os *fashionistas* extasiados não façam as roupas em pedaços na tentativa de sentir, de vestir, de carregar consigo ao menos um pedaço daquela criação como se fosse o Sudário em Turin (LATOURE, 2008).

Peças de vestuário, tal qual relíquias e obras de arte, também são leiloadas, colecionadas. Uma legião de seguidores ávidos por novidades, pelo *dernier cri*, dariam tudo por um Dior, um Chanel, um Givenchy ou um Valentino.

Opondo-se ao comportamento iconólatra, está o gesto iconoclasta. Segundo o dicionário Houaiss:



Iconoclasta *adj.* - 1 que ou aquele que destrói imagens religiosas ou se opõe à sua adoração 2 que ou aquele que destrói imagens em geral 3 p.ext. que ou aquele que, nas mais diversas circunstâncias, destrói obras de arte, monumentos etc. 4 *fig.* que ou aquele que ataca crenças estabelecidas ou instituições veneradas ou que é contra qualquer tradição.

Autores como Arlindo Machado em “O Quarto Iconoclasmo” e Gilbert Durand em “O imaginário”, tratarão da origem e dos ciclos do iconoclasmo. Para ambos o iconoclasmo se origina nas culturas judaico-cristã e islâmica. Para essas culturas há proibição de criar qualquer imagem em substituição ao divino. (YAMAMOTO, 2009)

Segundo Klein (2007) os iconoclastas querem quebrar as imagens do outro. Belting (2006), sustenta que os iconoclastas pretendem eliminar as imagens da imaginação coletiva, porém conseguem tão somente destruir seus suportes midiáticos.

O alvo dos Iconoclastas são os símbolos do outro, destruir imagens seria uma forma de materializar a destruição do outro por meio do que lhe é mais caro. O machado não é a única ferramenta empunhada pelo iconoclasta, a ridicularização, o constrangimento, a inversão e deturpação de valores são tão violentas e impiedosas quanto o machado. Os iconoclastas agredem sabendo que haverá uma reação e isto não é diferente do que acontece na moda. É possível citar alguns trabalhos do estilista Alexander McQueen (o *hooligan* da moda), como o convite à atleta e modelo Aimée Mullins, que teve as duas pernas amputadas quando criança, para abrir seu desfile primavera-verão 1999, usando próteses criadas e entalhadas por McQueen. (HOLZMEISTER, 2008). Assim como o estilista Hussein Chalayan, com o desfile *Between*, realizado em 2008, onde as modelos apareciam vestindo burcas cobrindo a cabeça mas revelando a nudez das genitálias. (MENKES, 2005).

Desta forma a moda incorpora o iconoclasmo quando destrói ícones e estereótipos da moral, do bom-senso, da política e da religião.

Klein, levanta ainda, a existência de um paradoxo na ação do iconoclasta inserido na era midiática: “o gesto iconoclasta será mais eficaz se for ampliado, emoldurado e perpetuado pelas imagens das mídias visuais”. Assim, o ato destruidor eterniza-se também em imagem e o desejo de preservar a memória da destruição impede o esquecimento da imagem violentada. (KLEIN, 2007).

ICONOCLASH



Iconoclash foi uma exposição internacional que ocorreu em maio de 2002, em Karlsruhe na Alemanha. Esta exposição foi curada por Peter-Weibel e uma equipe de co-curadores como Bruno Latour, Peter Galison, Dario Gamboni, Joseph Koerner e Hans Ulrich Obrist, também apoiados por Hans Belting, Marie-José Mondzain, Heather Stoddard, Boris Groys e Denis Laborde.

Reunindo imagens religiosas, científicas e artísticas a exposição pretendia mostrar o universo das guerras de imagens, colocando o espectador entre os conflitos iconófilos e iconoclastas. A exposição gerou um catálogo, reunindo textos e imagens das obras expostas.

O termo *Iconoclash* (*icon* = ‘ícone’, *clash* = ‘choque, embate’), é explicado por Latour em comparação ao conceito de Iconoclasmo:

Iconoclasmo é quando sabemos o que está acontecendo no ato de quebrar e quais são as motivações para o que se apresenta como um claro projeto de destruição; *Iconoclash*, por outro lado, é quando não se sabe, quando se hesita, quando se é perturbado por uma ação para a qual não há maneira de saber, sem uma investigação maior, se é destrutiva ou construtiva. (LATOURE, 2007, p.113).

Simplificadamente, iconoclasmo é quando as pessoas sabem que as imagens devem ser destruídas a qualquer custo e *icono-clash*, é quando as pessoas não sabem se as imagens devem ser destruídas ou protegidas. (LATOURE, 2007).

A COSTURA DO INVISÍVEL

Realizado em junho de 2004, durante o maior evento de moda da América Latina – o São Paulo Fashion Week, o desfile intitulado “A Costura do Invisível”, marcou a moda brasileira. Foi o rompimento do criador com o mercado da moda. (NAKAO, 2007).

As peças apresentadas no desfile foram feitas em papel vegetal e vergê, moldados, recortados, colados, dobrados, vazados, talhados. Não houve tecidos. A coleção levou cerca de 700 horas de trabalho manual para ser concluída. As peças foram moldadas no corpo das modelos, o que possibilitou o surgimento de um vínculo afetivo com a peça que seria desfilada. (NAKAO, 2005 e 2007).

Os vestidos criados remetiam à vestimenta do século XIX, única, preciosa e artesanal. O cabelo das modelos foi coberto por uma cabeça de playmobil, referindo-se à reprodutibilidade técnica. Fazendo menção à Benjamin (1994), a unicidade dos vestidos feitos à mão evocam a aura dos objetos de arte, ao passo que as cabeças de bonecos playmobil correspondem à produção em série, ao fazer industrial.



No momento do desfile certa tensão pairou sobre platéia. A fragilidade evidente dos materiais fazia com que o público temesse pelo rompimento de alguma delas.

Ao final do desfile, as modelos perfilaram-se para a última contemplação do espectador. A música foi alterada, assim como a iluminação. Subitamente, as modelos começaram a rasgar as roupas. A platéia assistia aturdida à esse gesto iconoclasta, tão violento. Choro, indignação, dor, espanto e vazio. Segundo Klein, isto se dá porque a criação de um símbolo é lenta e gradual, ao passo que a destruição é instantânea, daí advinda a dramaticidade de seu espetáculo (KLEIN, 2007).

Queria mostrar que o mais importante é o conteúdo, a idéia, não a forma. Esta forma deveria ser tão valiosa e os pensamentos por detrás dela, tão densos, que, mesmo desaparecendo, aquilo permaneceria na retina imagética das pessoas, deixando cicatrizes profundas. (NAKAO, 2007)

Seguindo a proposta de Klein (2007), é possível identificar neste desfile os 3 aspectos da reinscrição midiática do iconoclasmo:

- a) exigência de visibilidade: atendida pela presença da platéia no desfile, da imprensa e da divulgação nos meios de comunicação;
- b) paradoxo da destruição: modelos rasgando as roupas ao final do desfile (ordem dada minutos antes de entrarem na passarela);
- c) circularidade midiática da memória: o vídeo e as fotos estão disponíveis na internet e o desfile foi considerado o melhor desfile de moda da década pelo SPFW.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de uma coleção em papel, por si só já é um ato iconoclasta. Já que, teoricamente, as roupas são apresentadas no desfile para depois serem confeccionadas em série, vendidas e consumidas.

Ao final do desfile, passada a euforia e a violência do rompimento das roupas de papel, os espectadores recolhiam pequenos pedaços de papel pelo chão, como se fossem relíquias, preciosidades que precisassem ser preservadas.

O desfile a costura do invisível apresenta uma polaridade – o estilista que, antes tinha um compromisso com o mercado da moda, com um público consumidor, de repente apresenta uma coleção que não poderá ser consumida. É sua última coleção. O show é a



ruptura do criador com o mercado da moda. É o afastamento da produção em série, para o fazer artesanal, aproximando-se mais da arte do que do mercado.

O desfile pelo cuidado na produção, transporte e exposição pode se caracterizar como iconófilo. A definição seja a de iconoclash, proposta por Latour (2008). Visto que houve uma certa hesitação por parte do criador que destruiu seu próprio trabalho e por parte das modelos, que antes criaram vínculos com as roupas que desfilaram, tomando cuidado para não estragá-las, e minutos antes da entrada final receberam a ordem arbitrária de destruí-las.

A Costura do invisível, foi considerado um dos desfiles mais representativos do século em Paris. Acredita-se que a “invisibilidade” do desfile é o que causa mais impacto. É que faz com que o desfile permaneça na memória. É a presença de uma ausência.

“É impossível aumentar o círculo do visível sem que igualmente o invisível se amplie. Quanto mais luz, mais sombra.” (KAMPER, 1995:57).

















Fotos por Fernando Louza.



REFERÊNCIAS

BAITELLO JR., Norval. **A era da iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

BELTING, Hans. **Imagem, Mídia e Corpo: uma nova abordagem à Iconologia**. In Revista Ghrebh n. 8, julho de 2006. Disponível em: <http://revista.cisc.org.br/ghrebh8/artigo.php?dir=artigos&id=belting_1>. Acesso em: 09 dez. 2010.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: _____. *Magia e Técnica: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p.5 – 28.

BRAGA, João. **História da moda: uma narrativa**. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2007.

DESFILES de moda são um belíssimo espetáculo cujo fascínio começou no século 19. **Donna ZH.** Porto Alegre. 11 abr. 2010. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/donna/19,206,2868337,Desfiles-de-moda-sao-um-belissimo-espetaculo-cujo-fascinio-comecou-no-seculo-19.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2011.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da Caixa Preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 9.

HOLZMEISTER, Silvana de Vargas. **A estética do bizarro: moda e sensibilidade na década de 1990**. Dissertação (Mestrado em Moda, Cultura e Arte) – Centro Universitário Senac, São Paulo, 2008.

HOUAISS, A; VILLAR, M.S.; FRANCO, F.M. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, 1ª edição, 2001, p...

KAMPER, Dietmar. O padecimento dos olhos. In: CASTRO, G. et alli. (Orgs.). **Ensaios de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997. p .131 – 137.

KLEIN, Alberto. **Destruindo imagens: configurações midiáticas do iconoclasmo**. Trabalho apresentado no GT de Comunicação e Cultura na COMPÓS em 2007, em Curitiba-PR. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/408/341>>. Acesso em 09 dez. 2010.

LATOURETTE, Bruno. **O que é Iconoclash? Ou há um mundo além das guerras de imagem?** In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 111-15 jan./jun. 2008. Disponível



em:< <http://www.bruno-latour.fr/articles/article/84-ICONOCLASH-POR.pdf>>. Acesso em: 09 dez. 2010.

LATOURE, Bruno; WEIBEL, Peter. **Catalog: Iconoclash – Beyond the Image Wars in Science, Religion and Art.** Disponível em: <[http://hosting.zkm.de/icon/stories/storyReader\\$160](http://hosting.zkm.de/icon/stories/storyReader$160)>. Acesso em: 01 abr. 2011.

NAKAO, Jum. **A Costura do Invisível.** Rio de Janeiro: Editora Senac São Paulo, 2005.

_____. **A costura do invisível:** o desfile de papel. Entrevista concedida a Márcio Oyama. 2007. Disponível em: <<http://www.japao100.com.br/perfil/135/>>. Acesso em 09 dez. 2010.

_____. **A costura do invisível.** Fotos por Fernando Louza. Disponível em: <<http://www.jumnakao.com.br/dwnlds.html>>. Acesso em: 09 dez. 2010.

LUZ, Márcia. **Jum Nakao conta porque fez o histórico desfile das roupas de papel.** Entrevista concedida à Márcia Luz, 13 jan. 2011. Disponível em:<<http://www.portalbahia.com.br/p/redacaoibahia/moda/moda/16080-jum-nakao-conta-porque-fez-o-historico-desfile-das-roupas-de-papel>>. Acesso em: 01 abr. 2010.

MENKES, Suzie. Hussein Chalayan: cultural dialogues. **The New York Times**, New York, 19 abr. 2005. Style. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2005/04/18/style/18iht-fhuss.html>>. Acesso em: 10 dez. 2010.

YAMAMOTO, Eduardo Y. **A imagem para além do bem e do mal:** prelúdio de uma leitura hermenêutica. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v. 5, n.1, p. 173-188, jan/jun. 2009.